

## Entrevistadx 1

Entrevistadora: primeiro eu queria te agradecer muito pela ajuda. Pela sua disponibilidade para dar esta entrevista. Vai me ajudar muito a melhorar a entrevista. Se você achar que alguma pergunta não foi bem feita, pode avisar. Está tudo gravado, então depois eu vou aproveitar as sugestões para pôr no relatório. A primeira pergunta que eu gostaria de fazer pra você é : “você pode me dizer quais são os valores compartilhados entre os funcionários da Nave do Conhecimento da Nova Brasília?

Entrevistadx 1: A gente preza muito pelo companheirismo, respeito, parceria. Você quer saber entre os colegas de trabalho mesmo, né?

Entrevistadora: É, entre os colegas de trabalho e entre as pessoas que frequentam a Nave do Conhecimento.

Entrevistadx 1: É respeito, parceria, equidade. Esse olhar entendendo que cada um necessita de um tipo de ajuda. Às vezes a gente vai além do que aquela criança precisa. Aqui, embora seja um espaço de tecnologia, a gente recebe muitas demandas que não são relacionadas à tecnologia, como cursos. São necessidades pessoais mesmo. A gente sempre tem esse olhar humano, né? A gente tem um atendimento humanizado aqui na Nave. humanizado é a melhor palavra para atender tudo, sabe?

Entrevistadora: Esses valores têm relação então com o próprio contexto,né?

Entrevistadx 1: Sim. Tem relação com o contexto. Porque no dia a dia eles acabam compartilhando situações. A gente acaba sabendo de coisas da vida particular deles, então a gente sempre tem um cuidado maior para atendê-los, para conversar. Enfim..., pra lidar com as questões, né, que eles mesmos trazem. Às vezes não diretamente, mas a gente acaba sabendo das dificuldades deles. Principalmente quando tem algum tipo de operação, alguma dificuldade em casa, seja problema família, problema financeiro... são problemas que a gente tem. Que a gente recebe todos os dias.

Entrevistadora: E você é moradora de Nova Brasília, do Complexo do Alemão ou já morou aí em algum momento?

Entrevistadx 1: Não. Eu nunca morei aqui. Inclusive antes de trabalhar aqui eu nunca tinha conhecido a Nave do Conhecimento.

Entrevistadora: Ah, que legal. Você é da onde?

Entrevistadx 1: Eu sou de um bairro aqui perto. Engenho da Rainha.

Entrevistadora: eu conheço. Eu morei no Engenho de Dentro. É perto né?

Entrevistadx 1: Um pouquinho. Pouca coisa.

Entrevistadora: Eu não sabia. Depois eu soube que algumas pessoas que trabalham na Nave não são daí de dentro.

Entrevistadx 1: Sim. Tem gente que não é.

Entrevistadora: Você pode me contar uma situação real em que esses valores tenham ficado bem claros ou tenham surgido? Uma situação que possa contar, porque eu estou gravando.

Entrevistadx 1: Uma coisa clássica aqui, infelizmente. O jeito que as crianças se vestem. Elas estão muitas vezes com um cheiro ruim, sujas, né. Uma negligência dos pais. A criança às vezes não vai para a escola, e aí nenhum responsável aparece para resolver essa questão, sinalizar. Tem muitas crianças dessa forma. Algumas os pais aparecem. Outras não. Mas a minoria que aparecem mesmo. A maioria.... você vê que eles sofrem negligência. Pela falta de higiene você vê que elas não são assistidas em casa, na escola e o Estado né, vamos colocar assim. Porque se em casa ela não é assistida, alguém deveria estar direcionando essa criança, mas elas não são direcionadas e acaba que a gente fica diariamente convivendo com essa situação. E é complicado, porque como aqui é comunidade, a gente não tem como simplesmente denunciar, vamos dizer assim. Que tipo de denúncia a gente vai fazer? Será que eles vão vir até aqui? Aqui teve uma situação em que uma pessoa passou mal e chamamos a SAMU e a SAMU não subiu, porque aqui é área de risco. E a gente teve que levar esse jovem até a UPA. Ele é paciente do CAPS, surtou aqui, e não teve nenhum tipo de assistência. A gente que teve que se virar do jeito que a gente pôde. então, é meio complicado.

Entrevistadora: Aí você acha que esses valores do companheirismo eles surgem durante essas situações.

Entrevistadx 1: Sim. Eles surgem durante essas situações. A gente já entende. E isso é uma coisa que nem foi conversada, né. Assim, não é uma coisa conversada entre a equipe. Simplesmente a gente entende porque a gente vive e automaticamente um vai direcionando o outro. Ó, fulano não tem dinheiro pra fazer isso. Fulano tá sem roupa. Vamos juntar? Vamos fazer isso. Então sempre tem alguém fazendo algum movimento.

Entrevistadora: Isso é uma coisa que surge de vocês. Vocês pessoas, né? Das pessoas que trabalham na Nave e não como uma atitude da Prefeitura em si.

Entrevistadx 1: Isso. Não é da Prefeitura. Não é da empresa. É nossa mesmo. Sim.

Entrevistadora: É triste né. Eu vi poucos alunos com essa questão do banho, né. Alguns a gente percebe que são diferentes, mas a maioria eu vejo arrumadinhos. Uma pergunta que eu queria te fazer e que não está na entrevista é: A Nave do Conhecimento, você enxerga ela como um telecentro ou como uma instituição de tecnologia? Porque, não sei se você conhece a definição de telecentro, mas é como se fosse um espaço que pode ser usado pela comunidade, que ele dispõe de computadores e tecnologias que podem ser utilizadas. Você acha que a Nave do Conhecimento é mais do que isso? Se acha, o que seria o “a mais”?

Entrevistadx 1: Eu vejo muito como um telecentro, porque têm muitas pessoas que não têm acesso à tecnologia, então aqui acaba sendo esse lugar. Poderia ser mais. Poderia ser um

polo para receber outros tipos de atividade, dar outro tipo de assistência para a comunidade. Pelo espaço que a gente tem, a estrutura.

Entrevistadora: Essa pergunta é porque eu tive que explicar isso quando eu fiz uma apresentação em um congresso que eu fui. Eu fiquei tentando explicar o que que era, mas então percebi que eu não sabia o que que era direito.

Entrevistadx 1: É um espaço que promove tecnologia para a comunidade local, tendo em vista que muitas pessoas não têm esse acesso à tecnologia. Então aqui a gente disponibiliza WIFI, computadores, porque muita gente não tem. E cursos voltados para a tecnologia gratuitos. Sabendo também que é bem caro se a pessoa quiser fazer também determinados cursos fora. É bem complicado. Então é uma forma também de atualizar a comunidade. Ainda mais aqui no Brasil em que as coisas são um pouquinho mais atrasadas né. Então acaba que ter coisas aqui para a nossa realidade social é super avançado. Para uma pessoa que nunca teve contato com algumas coisas, aqui ela tem essa possibilidade.

Entrevistadora: Como você vê o seu papel como psicóloga trabalhando dentro da Nave do Conhecimento?

Entrevistadx 1: Nossa... eu fico muito feliz. Eu acho muito importante, porque eu tenho um olhar diferenciado. Eu sei disso, até pela minha profissão. Então eu acho que é crucial. Até para futuros projetos eu vou saber direcionar melhor. A necessidade das pessoas, fica mais fácil outros funcionários entenderem. Eu sempre estou levando eles a refletirem também: “é melhor a gente ir por esse caminho, porque fulano está assim, porque fulano precisa disso...”. “Ó...observa fulano hoje. Ele não é assim. Ele está muito estressado. Aconteceu alguma coisa. Então eu tô sempre trazendo essa reflexão. Eu acho super bacana e importante também.

Entrevistadora: Sem machucar né. Porque às vezes a gente quer ajudar ou impor as regras da instituição e acaba machucando mais ainda a pessoa que já veio ...

Entrevistadx 1: Sim. Tem crianças que.. se a criança não toma banho, não está comendo bem, ela já está sofrendo violência. Isso já é uma violência. Então, dependendo da forma como a gente fale, isso já vai ferir. Até... um exemplo: às vezes tem um passeio e para a criança ir nesse passeio tem que ir de tênis. Tem criança que fala: “eu não vou”. Ela não fala que não tem tênis, mas a gente sabe que ela não tem tênis, ou não tem casaco, por exemplo. Mas ela não fala. A gente entende. E, às vezes a gente fala: “ó, vai ter que colocar um casaco”. Até o Paulinho mesmo, já várias vezes já trouxe um casaco dele, sabendo que ia ter um passeio, para as crianças usarem. E que estaria frio e que as crianças usariam o casaco. Coisas assim, entendeu?

Entrevistadora: Você tem algum relato fotográfico de alguma situação que você tenha vivido e que esses valores na Nave tenham aparecido?

Entrevistadx 1: Foto? Posso ver. Devo ter. Se eu não tiver, o Patrick deve ter alguma coisa.

Entrevistadora: Como esses valores que você identificou na Nave afetam o planejamento e a execução das suas atividades?

Entrevistadx 1: Afeta um pouco, porque a gente tem que parar às vezes e dar atenção ao que não, teoricamente, é o nosso trabalho. A gente sempre tem que estar adaptando coisas. Sem interferir no processo de trabalho que eles exigem: o de escritório. E sem perder a sensibilidade com as crianças. Como eu dei o exemplo aí do casaco. Ah, ele vai em um passeio. Quando vai ter passeio a gente já vê se vai precisar de casaco, se vai precisar de sapato, se vai precisar de comida. Se é alguém que mora longe, os professores aqui já disponibilizaram lanche para os alunos, porque saem do trabalho e às vezes não se alimentaram direito. Então acaba que a gente tem que estar sempre pensando além. E é proposto na teoria da IDACO.

Entrevistadora: Então isso que vocês fazem faz parte do trabalho. Não está sendo considerado ainda, mas você Johanna e muito provavelmente outras pessoas da equipe já consideram isso uma parte essencial do que vocês realizam.

Entrevistadx 1: A gente faz parte da Secretaria de Ciência e Tecnologia. Na verdade deveria ter a Secretaria de Assistência Social para ter esse movimento, para ter esse olhar com essas crianças. Para que a gente não precisasse ter. A gente tem porque a gente é ser humano, a gente sabe da necessidade. Mas a gente entende que essa não é a nossa obrigação enquanto funcionário. É a nossa obrigação enquanto ser humano.

Entrevistadora: E se não for assim também a atividade também não vai ser uma atividade que vai fluir de uma forma boa. Vai ter tensão, frio, necessidade. Interessante você falar isso, porque a minha área de pesquisa, falando brevemente, porque o meu objetivo hoje não é falar de mim, é a área de Interação Humano Computador. E a área de Interação Humano Computador pesquisa não só a interação humana direta com o computador e os artefatos computacionais e o aprendizado de tecnologia, mas também leva em consideração como esse humano tá. Ah, esse humano está sensível? Poxa, eu estou me sentindo sensível hoje. Esse humano tem um fundo bonito para mostrar quando faz uma videoconferência? Quais são as características desse humano? Qual é a cor desse humano? Quais são os preconceitos que ele já sofreu? Qual é a situação social dele? Tudo tá dentro do pacote, entendeu? É uma área muito nova, que acho que tem 25 anos no Brasil só. Então é muito jovem né. Tem praticamente a sua idade. E tem muitos trabalhos em psicologia nessa área. Então, com certeza é muito interessante ouvir você falar. Isso é uma coisa que tem muito a ver. Eu ia perguntar como as suas decisões no seu trabalho dependem dos valores que você identificou?

Entrevistadx 1: Depende.

Entrevistadora: Assim, como eu vou fazer uma coisa. Eu não sei se você está mais na parte da tomada de decisões ou no suporte. Em que parte você trabalha mais? Você trabalha no planejamento das atividades ou você é mais na parte do suporte, quando acontece alguma coisa? Como é que você trabalha?

Entrevistadx 1: Por enquanto eu estou trabalhando com o planejamento das atividades. No planejamento de curso em específico, a gente já discutiu sobre o nosso público, né. Porque às vezes tem propostas de cursos de tecnologias, só que o público que a gente tem às vezes não vai alcançar, porque às vezes a gente tem crianças e adolescentes aí que são

analfabetos. Então como é que eles vão fazer um curso, sei lá, da Cisco. Impossível nesse momento. Então a gente tem que adaptar os cursos às necessidades das crianças. Então a gente sempre tem que fazer adaptações pra poder fazer com que esse público acesse, tenha interesse, se inscreva. Desde o nome do curso, não pode ser um nome de curso muito difícil, muito complexo. É importante sempre antes fazer uma oficina e explicar pra eles a importância. Porque, assim, o nosso público está sempre pensando nas necessidades básicas. O que que eu vou comer, o que que eu vou vestir. Esse é o pensamento da maioria. Infelizmente. Então pra eles entenderem que existe coisas mais importantes do que isso, eles deveriam estar com essas necessidades primárias supridas. Porque se a gente não tiver essas necessidades primárias supridas a gente não consegue seguir. Então é importante a gente estar empurrando: “não... é importante... vambora”, e as crianças: “vamos fazer curso sim”. “Ah, mas é chato, mas eu não quero”. “Não. você vai fazer!”. A gente tem que fazer esse movimento sempre.

Entrevistadora: A comida. Eu já percebi que vários eventos têm uma comidinha, um cafezinho. Faz parte disso?

Entrevistadx 1: Faz parte, porque querendo ou não acaba sendo um atrativo pra eles quando tem um lanchinho, uma comida, um café, entendeu? As pessoas se animam mais.

Entrevistadora: Pra você... você não precisa ter um conhecimento muito grande disso, mas eu queria saber, pra você, com que objetivo as Naves do Conhecimento foram feitas.

Entrevistadx 1: Eu acho. Assim, sem o conhecimento do projeto, que é muito mais pra qualificar as pessoas no mercado de trabalho. Porque como esse movimento tecnológico vem acontecendo já há algum tempo, e a grande massa trabalhadora teria dificuldade em acompanhar, e eles precisam que as pessoas trabalhem. Eles querem que as pessoas saibam que a tecnologia é importante para a economia, vamos colocar assim. Faz as pessoas terem mais acesso, consumirem mais, saberem mais sobre tecnologia, porque a gente está vivendo nesse novo mundo, em que tudo é tecnologia. Eu acho que ela foi criada mais por isso.

Entrevistadora: E para as crianças, você acha o que?

Entrevistadx 1: A mesma coisa. Na visão das crianças ou na minha visão?

Entrevistadora: Não. É porque você falou em mercado de trabalho, né. Mas também tem aquelas criancinhas menores que vão na Nave e ficam jogando

Entrevistadx 1: Pra mim é a mesma coisa. Pra mim já está preparando a criança. Futuramente ela vai estar aqui num ambiente tecnológico. Tanto que as crianças são super avançadas. Tem criança que não sabe ler e escrever aqui, mas sabe mexer em tudo no computador. Então, assim, eles estão já investindo nessa criança para que futuramente

Entrevistadora: Parece mais fácil investir na criança. De repente é mais eficiente você ensinar desde pequenininho do que você pegar um adulto que não teve acesso a um montão de coisa e dizer “vamos ensinar agora”

Entrevistadx 1: Eu vejo a nave muito nesse intuito, porque se fosse educação, eles investiriam na escola e colocariam ali alguma coisa tecnológica num polo na escola, fariam alguma coisa. Como eles focaram muito nessa questão de tecnologia, eu vejo muito por esse lado de mercado de trabalho, de economia, de acesso.

Entrevistadora: Tem coisas em casa que eles não têm né.

Entrevistadx 1: Isso.

Entrevistadora: Se eles tivessem, de repente eles não iriam frequentar tanto a Nave. De repente até iria.. porque tem os coleguinhas também né.

Entrevistadx 1: Sim, às vezes frequentaram mais para curso. O que acontece em outras Naves. Deve ter alguma pessoa que fica o dia todo, mas não deve ser igual ao que acontece aqui. Aqui como é dentro da comunidade, então as crianças passam o dia todo aqui.

Entrevistadora: É, isso eu já percebi. Ficam o dia todão mesmo. Até de noite. É muito legal isso. O que você acha que poderia ser melhorado para que as naves do conhecimento efetivamente cumpram o objetivo que você acha que é o objetivo para o qual elas foram criadas?

Entrevistadx 1: Então, eu acho que deveria ter uma parceria entre a Secretaria de Educação, de Saúde, como eu te falei, de Assistência Social, pra que as pessoas que viesse pra cá. Crianças, enfim, um adulto, já saísse daqui com um direcionamento para outras questões da vida deles. Tendo em vista a Nave Nova Brasília e a necessidade que eles têm. Nem toda nave tem essa mesma necessidade, mas se já tiver essa parceria, a pessoa já vai sair direcionada, mais parcerias com empresas né, para a pessoa sair direcionada para o trabalho, também seria importante. Muitos jovens aqui já vieram me perguntar, por exemplo, pedindo jovem aprendiz. E aqui a gente não tem.

Entrevistadora: Infelizmente, né. Podia ter.

Entrevistadx 1: E tem a Secretaria de Juventude. Eu tentei entrar em contato com eles, só que eles não retornaram. Eu queria uma parceria com o CIEE pra ver se essas crianças gostariam de estagiar e tudo o mais, só que eu não tive retorno. Então assim, eu não tive um suporte maior para assistir à população, principalmente as crianças e adolescentes, que vêm para cá facilmente, né? Por ser um ambiente atrativo, então seria um ambiente interessante para poder manter essa criança aqui, em outras atividades importantes,

Entrevistadora: Daria pra ser estagiária dos professores, né? Daria para ser estagiária de psicologia, daria pra ser estagiária da parte de administração. Daria pra fazer várias coisas né. Ser estagiária da área de tecnologia em si. Ajudar a mexer nos equipamentos. Suporte... tudo né. Tem várias coisas que dariam pra eles trabalharem. E teria essa camada de estar ajudando os outros que estão aprendendo. E aí a interação aumentaria cada vez mais né.

Entrevistadx 1: Sim

Entrevistadora: É. Realmente é uma ótima ideia. Isso ia ser muito precioso mesmo.

Uma pergunta fora do script. Eu percebi que na atividade de sábado que a gente realizou, que as crianças saíram do computador. Porque na atividade poderia ser usado o computador ou não. A gente tinha material de papelaria pra eles usarem. Você acha que caberia na Nave, que seria importante uma sala que fosse multiuso, de repente? Acho que de repente até já tem né lá. Mas que eles pudessem trabalhar com coisas manuais assim, ao invés de ser somente uma sala de computador?

Entrevistadx 1: Sim, seria bem interessante. Embora a gente tenha que pedir permissão para fazer esse tipo de atividade. A gente tem que fazer uma atividade em que a tecnologia tem que aparecer de alguma forma, seja na impressora 3D, alguma coisa assim, entendeu? Eles não precisam ficar direto no computador, mas a gente tem que entregar alguma coisa que tenha a ver com tecnologia né.

Entrevistadora: Eu estou falando isso porque muitas vezes as atividades que nós fazemos sobre pensamento computacional são desplugadas, aí elas são fora do computador. Porque o objetivo é mais fazer o pensamento computacional, que é pensar pra resolver problemas, usando qualquer coisa que não seja o computador. Porque às vezes a gente enxerga o computador como sendo uma barreira, como eles ainda não sabem usar várias coisas. A princípio né, dependendo do que a gente vai pedir, seria uma barreira. Dependendo de outras coisas até não. Por exemplo, usando um jogo, porque jogo às vezes eles sabe melhor que nós. Mas aconteceu isso. Eles foram pro chão porque tinha mais espaço. Depois eu mando as fotos pra você. Foi maior loucura. Mas tem muito essa coisa de entregar alguma coisa relacionada à tecnologia, levando em consideração que a tecnologia é um suporte né. Só que às vezes tem aquele pensamento antes né. Quais são as atividades na Nave do Conhecimento que possuem maior procura e engajamento do público visitante? A gente já está na segunda parte tá?

Entrevistadx 1: Questão de curso é Informática Básica, Excel, que é o que o mercado de trabalho exige. E as crianças gostam muito do PC Game e X Box.

Entrevistadora: E Roblox também né?

Entrevistadx 1: Sim.

Entrevistadora: Sabe outros?

Entrevistadx 1: Minecraft... depende da faixa etária. Fifa, no X Box. Também porque eles não podem jogar o que eles querem né. A gente filtra os jogos por conta da faixa etária.

Entrevistadora: Então eles não podem jogar tudo o que eles querem? Podem jogar o que a Nave deixa.

Entrevistadx 1: Isso.

Entrevistadora: É bloqueado.

Entrevistadx 1: É bloqueado.

Entrevistadora: Ah. Bom saber. Parece óbvio né, porque eu nunca vi eles fazerem nenhuma bobagem.

Entrevistadx 1: Em outras naves não é assim. Porque em outras naves a criança só entra com o responsável. Pelo acesso, pelo onde a nave se encontra. Aqui não. As crianças vêm sozinhas, então a gente não pode ...Nosso público é infantil. Então a gente não pode liberar um GTA por exemplo, entendeu?

Entrevistadora: Quem define isso?

Entrevistadx 1: Na verdade quem sinalizou isso quando começou foi o pessoal moderador de Lan Table, [nomes anonimizados para finalidade de pesquisa], mas tinha o suporte, o [nome anonimizado para finalidade de pesquisa] quando ele vai instalar os jogos ele já vê a faixa etária.

Entrevistadora: Ah, entendi. Maravilha. Quais são as atividades que são mais constantes? São essas que têm mais engajamento?

Entrevistadx 1: São os cursos de Informática e Excel, Fotografia também é bem procurado. De marketing, Social Media, e os jogos, né. São os mais procurados.

Entrevistadora: Jogos totalmente né. Pelos adultos é mais o Excel né?

Entrevistadx 1: Isso, o Excel, Informática. Quase não vem adulto aqui pra jogar. Muito difícil.

Entrevistadora: Mas já foi?

Entrevistadx 1: Já veio, já veio. Mas geralmente eles ficam no videogame, eles não ficam muito no PC Game não.

Entrevistadora: Por um lado eu acho bom que não fiquem. Na minha geração, tinha fliperama. Aí misturava os jovens com os adultos e era uma loucura, porque aprendiam tudo o que é coisa errada. Aí o pessoal falava: "não! não deixa o seu filho ir pro fliper não, porque vai misturar lá, não sei o que..". Era a loucura dos pais, porque não podia deixar, porque era uma febre né.

Entrevistadx 1: Aqui a gente está querendo colocar, porque no engenhão e na Penha tem Fliper.

Entrevistadora: Que legal. Aí é legal. Até eu ia querer jogar também. Aliás, eu mesma queria sentar ali outro dia para jogar. Quais são as atividades que já ocorreram na nave que você percebeu que tinham mais a ver com a cultura e as potencialidades da favela de Nova Brasília?



Entrevistadx 1: Olha, potencialidades foi um evento que teve numa época. Não sei se você chegou a conhecer o Ramón. O professor acompanhou uns usuários para eles criarem um jogo - programação de jogos né - e aí eles apresentaram esses jogos para um setor na prefeitura de Centro de Operações do Rio. Eles criaram um jogo. O jogo era um jogo sustentável até. Porque a pessoa retirava o lixo em volta da comunidade. Uma coisa assim. Então eu acho que foi bem legal, porque eles gostam de jogos. Eles se debruçam sobre isso. Eles leem mesmo. Eles gostam disso. Então eles têm potencial para isso. Inclusive agora a gente vai fazer uma parceria com um gamer - Bruno Pascoal, não sei se você chegou a conhecer - Ele vai fazer uma atividade...

Entrevistadora: Ele é famoso?

Entrevistadx 1: Ele é famosinho sim nesse mundo aí gamer. As crianças conhecem ele. Aí ele está fazendo um documentário né. Ele teve aqui. Gravou algumas cenas e tal e tá querendo fazer um trabalho com as crianças. Eu acho que vai ser muito importante. Ele escolheu a comunidade porque foi isso que ele falou: o gamer ele fica sentado o dia todo no computador, só que eles vão ganhar dinheiro, vão levar isso como uma profissão, ter disciplina, entender sobre esse lado dos negócios. Eu acho que vai ser super importante.

Entrevistadora: Eles já são do E-sport né, só não estão aproveitando esse potencial corretamente.

Entrevistadx 1: Não têm um direcionamento. Então, assim, vai ser muito importante pra eles, para a comunidade. A gente nunca fez um trabalho aqui para a comunidade especificamente né. Sair um pouco da Nave e fazer um movimento que contribua com a comunidade. O trabalho é sempre muito interno e tinha as palestras né, as atividades, mas assim, sempre muito interno.

Entrevistadora: Você acha que deveria fazer coisas para fora também?

Entrevistadx 1: Sim. Eu acho que seria muito importante. Nas escolas, nas ongs, porque muitas pessoas que tem ongs vêm aqui na nave. Só que a gente não vai. Desde que eu comecei até agora a gente nunca foi a uma ong, nunca articulou com pessoas influentes no local. A gente recebe as pessoas para fazerem algo aqui, até pelo suporte que a gente tem para eles fazerem as atividades que eles querem.

Entrevistadora: Então tem a questão do poder paralelo aí em volta também né.

Entrevistadx 1: Sim. A gente vai pedir permissão para fazer algo.

Entrevistadora: tem a possibilidade então de pedir permissão né... conversar

Entrevistadx 1: Tem sim. Sem problemas.

Entrevistadora: Existe diálogo.

Entrevistadx 1: Existe sim. Existe diálogo. Ainda bem né, porque se não tivesse....

Entrevistadora: Que bom né. Eu não sei como é que é, mas eu percebo também uma simpatia quando eu chego ali. Uma vez a minha bolsa estava aberta e estava caindo um troço no chão já. Aí alguém falou: “vai cair aí”, aí eu falei: “não tem problema não, ninguém gosta desse biscoito mesmo”. E ele respondeu: “tem problema sim, não pode cair não”. Então, se tem carinho com a gente. Cuidado né.

Entrevistadx 1: Sim, sim. Tem um respeito, carinho. Até porque a gente acaba se vendo todos os dias. A gente já olha assim e “ué...fulano não tá ali hoje. Ele sempre fica ali. A gente já fica meio assim, preocupada”.

Entrevistadora: É que eu não fico olhando muito né. Eu às vezes vou de moto. Aí eu caíu lá na frente direto né. Eu não tenho entrado caminhando muito. Até é uma coisa que eu preciso fazer mais. Eu queria ficar observando a Nave do lado de fora pra dentro. Não sei se tem problema fazer isso, mas eu queria olhar. Porque eu queria ver como é o movimento de entrada e saída. Porque a gente dentro não vê como é esse movimento da entrada e da saída. Ao longo do dia como é esse fluxo né.

Entrevistadx 1: Ué, mas você pode ficar ali sim. Não tem problema não.

Entrevistadora: É, eu vou ver se da próxima vez que eu for, se eu fico só sentada do lado de fora observando. Quais são os tipos de atividades que você gostaria que tivesse na nave ou sente falta que haja na nave?

Entrevistadx 1: Eu acho que seria mais um suporte mesmo de outras secretarias, de outros líderes aí pra gente conseguir fluir melhor com as necessidades que as crianças têm e com os adultos. Eu acho que seria mais esse suporte. Pra gente conseguir cada vez mais colocar cursos mais avançados, que eles se insiram mais nesse mundo tecnológico de uma forma que eles venham a gostar mesmo. Não façam só porque “ah, eu preciso de um trabalho”, então eu vou fazer informática para me livrar . “ah, eu trabalho com vendas, então eu vou fazer marketing digital porque eu vou me livrar...”. Então , cada vez colocar cursos mais avançados, que eles cada vez mais participem desse mundo tecnológico de uma forma que eles venham a gostar mesmo. Que não seja só porque precisam de um trabalho. “Então eu vou fazer informática para me livrar disso”, “então eu vou fazer marketing digital porque eu ....”. É sempre uma forma de escape, sabe? E não vendo a importância do conhecimento, a importância da Nave, porque, como eu disse, é sempre pensando nessas necessidades primárias... e ter uma perspectiva além, às vezes é muito cansativo pra quem não tem quase nada. então isso gera um cansaço na pessoa também. Estar sempre pensando além. Não é pra todo mundo. Lógico que tem os que vivem dificuldades extremas e conseguem ser sonhadoras e ter esperança, sabe? São super motivadas. Mas não é pra todo mundo, né. Nem todo mundo consegue fazer isso. Então ...

Entrevistadora: eu percebi isso também. Que tem uma necessidade muito grande de arrumar um emprego. E aí falta uma parte da gente. Porque eu tive isso. Eu tive aula de balé quando era criança, tive curso de inglês. É.... meus pais tiveram que equilibrar, né. Vai pra escola pública e vai fazer curso de inglês. E foi com esse equilíbrio que a gente conseguiu ter as coisas em casa né. Até certa época, que era a época em que a gente tinha mais condições ..., depois teve menos condições. Eu tive isso, mas pra quem não tem esse carinho de poder aprender um negócio. “Ah, eu quero fazer um curso de teatro”, que é um

curso que aparentemente não vai servir pra nada. Só vai servir para ... até serve... para aprender a se comunicar melhor e tal, perder a timidez... A pessoa pensa. Isso daí eu não vou poder aproveitar para o mercado de trabalho. Isso é péssimo, porque mostra como é excludente, como é violento né. A pessoa tem sempre que pensar no trabalho, trabalho, trabalho, e não pode se divertir, não pode ampliar os seus horizontes. Às vezes está olhando para aquele cargo ali de auxiliar administrativo, mas se pudesse ampliar os horizontes, poderia ser um artista de não sei o que lá que ele tem um super potencial e poderia ir para o exterior. Ou não ir para o exterior. Ficar no Brasil mesmo. Ou ser uma pessoa muito famosa porque tem determinado talento, mas que nunca vai ser descoberta porque está fazendo excel.

Entrevistadx 1: Sim. Eles estão sempre pensando em coisas que de alguma forma vão trazer um retorno imediato. Porque se eles forem pensar em alguma coisa assim de sonho, eles vão sempre se espelhar em alguma pessoa que saiu da comunidade e que venceu na vida através de sucesso.

Entrevistadora: Através de música né

Entrevistadx 1: Isso. Através de música, que é o que a gente mais vê. Pessoas que saíram da comunidade e estão milionárias fazendo música. Vão se espelhando nisso. Dificilmente você vê uma pessoa que estuda, fez faculdade, sei lá, milionária e isso também não é uma coisa que é falada, que está na internet.

Entrevistadora: É que demora também a acontecer né. A música bomba! A pessoa que vai estudar leva uma vida inteira de dedicação.

Entrevistadx 1: eu vejo que eles buscam muito isso. Reconhecimento. Se sentir realmente alguém, sabe? Por isso que alguns se espelham no tráfico. Porque ele traz um certo reconhecimento, um poder... é algo mais próximo pra eles, entendeu?

Entrevistadora: Todo mundo quer isso, né. Reconhecimento. Eu também na minha profissão fico super chateada. Isso é uma coisa que afeta todo mundo diretamente. Às vezes tem uma coisa que a projeção dela é que ela nunca vai ter reconhecimento. Aí dá uma certa raiva né, porque poxa... isso é uma grande injustiça com os nossos sonhos né. Porque sonho é uma coisa muito sagrada.

Entrevistadx 1: Sim. É verdade.

Entrevistadora: Não deixa a pessoa sonhar. O tempo todo a pessoa tem que estar com o pé no chão. A pessoa tem que ter emprego, dinheiro

Entrevistadx 1: Sim.

Entrevistadora: E aí não tem os outros cursos também né. Eu tava pensando quando você estava falando... que eles sempre fazem o curso do excel. Aí não tem os outros cursos mais avançados que o Excel. Poderia ter outras coisas também. Mas eles não estão nem chegando lá né. Porque eles fazem o Excel pra conseguirem um emprego, aí vão para aquele emprego. Aí só Deus sabe o que vai acontecer com eles

Entrevistadx 1: Porque eles precisam de algo que vai ser útil pra eles. Útil pra realidade deles. Útil para limitações que ele tem. Então se você pedir para ... como eu tenho adolescentes aqui que não sabem ler nem escrever. Ela não vai fazer um curso que ela tenha que ler. Por exemplo, o curso da CISCO, você tem que ler né. Muito complicado. Eles não vão ler. Eles não sabem ler.

Entrevistadora: Muito difícil né. **Agora eu queria fazer outras perguntas, mas sobre habilidades da Nave dentro do cenário de datificação.** O que que é datificação? Você sabe mais ou menos. A gente já até conversou sobre isso. É o mundo né, que está se tornando. A gente usa dados para tudo. Ou a gente usa porque a gente quer, ou a gente usa porque a gente é obrigado a usar. Quando usa uma rede social, quando entra com um crachá em algum lugar, quando vira uma roleta, quando compra uma coisa no mercado. Então, essas perguntas são nesse sentido. Aí eu queria fazer algumas perguntas pra você. Pode ser que você não saiba a resposta. Pode ser que você tenha a sua forma específica de dar uma resposta. O que importa é que você tenha a sua forma específica de dar a resposta. Não tem certo ou errado, tá? São perguntas mais objetivas agora. A primeira pergunta é: pra você o que é dado?

Entrevistadx 1: Dado é tudo aquilo que a gente produz né. Acaba produzindo. Seja de conhecimento ou uma ação que a gente faça. Isso pode gerar um dado.

Entrevistadora: E pra você o que é informação?

Entrevistadx 1: Informação é todo o pensamento ou ideia que vai direcionar a gente pra solucionar ou direcionar a gente pra algum caminho. Ou solucionar um problema ou direcionar de alguma forma.

Entrevistadora: O que é literacia de dados (que é o meu objeto de estudo)? A gente fala muito, ainda fez poucas oficinas né...

Entrevistadx 1: Literacia de dados... o que eu entendi sobre literacia de dados é a interpretação dos fenômenos que acontecem e você saber interpretar esses fenômenos e transformar eles em dados. Eu entendi dessa forma.

Entrevistadora: Quais foram ou têm sido as atividades realizadas na nave do conhecimento (que você tem percebido) sobre dados? As minhas atividades e outras atividades...

Entrevistadx 1: Então... acho que excel. Excel é uma forma de você recolher dados... da cisco também...

Entrevistadora: Na Cisco o que eles faziam?

Entrevistadx 1: É de redes né. Um curso de redes. Então eles trabalham toda essa parte de como funciona uma rede ... umas coisas assim bem TI, que eu não sei muito não, mas... tem uns códigos no sistema que eles têm que saber... tem um pouco até de matemática, fórmulas e tal

Entrevistadora: Eu nunca fiz o curso da cisco não.

Como você pensa que os usuários da Nave são afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx 1: Eu acho que eles são afetados de diversas formas. Eles não entendem que os dados, essas informações transformadas em dados podem impactar a vida deles de uma forma positiva, tendo em vista que através desses dados eles podem melhorar as condições deles tanto aqui na nave em relação a um curso... por exemplo, uma informação que a gente tem um levantamento de dados, a gente pode direcionar melhor uma atividade. Numa escola, por exemplo, de acordo com os dados que essa escola possa ter, pode estar impactando a vida deles no sentido de suprir alguma necessidade que eles precisam. Tudo isso, entendeu? Eles não têm essa informação do que a informação pode fazer... as informações sobre eles e sobre outras pessoas podem fazer na vida deles. Eles acabam tendo uma visão um pouco às vezes individualista em relação a isso. Sem que isso seja culpa deles, mas eles não têm acesso a isso, sabe? Até a gente tem dificuldade. A gente tem o SAM aqui, que eles têm que colocar as informações deles. E às vezes eles querem colocar as informações erradas

Entrevistadora: Eles querem burlar o sistema

Entrevistadx 1: Aí a gente conversa sobre isso, que não pode colocar informação errada, por isso, por isso por isso. Em alguns casos, dependendo de onde você for colocar informação errada, isso é até um crime. Então assim, a informação correta, ela vai gerar dados importantes pra impactar a vida deles. E eles não sabem disso. Muita gente não sabe. Crianças e adultos.

Entrevistadora: Eles não têm essa visão ainda, né.

Entrevistadx 1: Não.

Entrevistadora: Mas vocês falam. Acho que é já um bom início. Essa informação eles já têm na verdade. Talvez eles ainda não tenham refletido sobre ela. De repente até refletiram só que vocês não sabem.

Entrevistadx 1: Sim.

Entrevistadora: Quais são as suas ideias, sugestões, conselhos que você poderia dar com respeito a criação de oficina sobre literacia de dados, levando em conta que a literacia em dados é a alfabetização em dados, os primeiros passos para trabalhar com dados, entender os dados de uma forma responsável e crítica.

Entrevistadx 1: Acho que a primeira coisa é explicar pra eles mesmo como é que funciona, né. Que que é isso. E colocar situações que são interessantes pra eles. Por exemplo, na comunidade: como eles poderiam obter esses dados, essas informações. Pessoas que eles gostam. Por exemplo, eles gostam muito de música, fazer algo relacionado à música. As coisas que eles gostam ou até mesmo as coisas que são aparentemente ruins... vamos supor... vira e me [comentário anonimizado]. ... não negligenciar a realidade deles,

entendeu? Às vezes não tirar ele daquele lugar de pensamento. Porque tem muita gente que chega aqui e fala “ah, eles não podem pensar sobre violência, não pode isso, não pode aquilo, mas eles vivem isso. Então isso é uma informação. Isso pode gerar um dado importante para eles refletirem sobre a realidade deles, entendeu? E não trazer uma coisa distante da realidade.

Entrevistadora: Você tem ideia de como seria um exemplo bom utilizando música? Eles têm as músicas favoritas deles né.

Entrevistadx 1: Sim. Eles gostam muito de trap né...Então pode ser relacionado a trap, a esses cantores que eles gostam. Tem MC Maneirinho, tem o Pose do Rodo, enfim...

Entrevistadora: Você conhece esses MCs por causa deles ou conhece fora daí?

Entrevistadx 1: Conheço mais pela internet, mas também conheço por eles, porque várias músicas tocando aqui várias e várias vezes, então eu acabo sabendo.

Entrevistadora: Você está ali o tempo todo, né. Interagindo... Eu quando vou não consigo ver determinadas nuances, porque eu vou na função de querer captar algum dado específico, resolver algum problema. Então não tenho essa coisa que é orgânica né.

Entrevistadx 1: Sim. A gente sabe as músicas. Eles cantam. Eles botam no youtube. Às vezes a gente ouve. A gente tem até que falar pra baixar um pouco o som, porque eles querem botar alto.

Entrevistadora: Colocam na sala?

Entrevistadx 1: Aqui na Lan table, dependendo do notebook o som fica altíssimo. Eles colocam no instagram, aí às vezes fica maior sonzão. Aí a gente fala: abaixa isso, e tal.

Entrevistadora: Legal que eles tenham essa liberdade

50:53 / 1:19:08